

ENTREVISTA

Helena Maria Bomeny é professora titular de sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ e do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas - FGV. Foi coordenadora da Escola de Ciências Sociais da FGV no período de 2006 a 2010 quando foi criado e implantado o curso e formada a primeira turma. Possui ampla experiência na área de sociologia, com ênfase em sociologia da educação, focalizando aspectos do pensamento social brasileiro e da teoria sociológica. Com uma extensa produção acadêmica que abrange mais de 30 artigos em periódicos, 25 capítulos de livros e 18 livros - como autora, co-autora e organizadora publicou recentemente (2010) "Tempos modernos, tempos de sociologia", livro direcionado a disciplina sociologia no ensino médio.

Sociologia da Educação-SE: Conte-nos um pouco de sua trajetória: família, escola amigos e escolhas. Como chegou às Ciências Sociais?

Helena: Sou de uma família do interior do estado do Rio de Janeiro, nasci em Bom Jesus do Itabapoana. Família extensa, somos sete irmãos, três homens e quatro mulheres. Meus pais tiveram poucos anos de escolaridade, papai sequer completou dois, e minha mãe completou o ciclo fundamental. Família católica, de ambos os lados. Origem libanesa por parte de pai, meus avós vieram do Líbano, de uma cidade pequena no Líbano. Não conheci meu avô paterno, mas sempre fui muito ligada à avó materna - Latife Jorge Bomeny. Analfabeta, criou 12 filhos praticamente contando com a própria força e o apoio do filho mais velho, meu pai. Vovô adoeceu cedo. De minha mãe, também uma família extensa, com escolaridade igualmente baixa. Nada tão incomum ao início do século XX. Comerciante, meu avô materno construiu uma família e um patrimônio razoável, tendo atravessado tempos de muita privação financeira. Nenhum desperdício era possível. Venho de duas famílias nas quais os apelos e as motivações intelectuais eram escassos.

Saí de minha cidade aos dezoito anos, quando concluí o Curso Normal e uma lembrança fugidia que tenho foi a consciência que me veio no momento do juramento: não quero ser professora. Queria outra coisa, embora não soubesse o que. Acabei vindo para o Rio para continuar os estudos, sem

saber bem o que, apenas considerei que a Faculdade Santa Úrsula poderia ser uma opção porque oferecia um pensionato, e seria a chance de me manter no Rio estudando. Fiquei muito pouco tempo no pensionato, e acabei indo para a casa de minha avó paterna que morava no Rio, e era mantida por meu pai. Vovó Latife foi quem me recebeu, e os dois primeiros anos de Letras foram cumpridos na Santa Úrsula, e possibilitados pelo abrigo afetivo em casa da avó.

Dos dois anos de Santa Úrsula guardei duas relíquias de memória, que preservei como bem espiritual permanente: Cleonice Berardinelli e Helena Fernandes, mestras da literatura portuguesa e brasileira, respectivamente. De Cleonice a lembrança que ainda me comove foi uma aula magistral sobre os "Lusíadas", aula que me estimulou a leitura ininterrupta, na mesma noite, do texto completo camoniano, vendo nas frases e versos, o entusiasmo e a paixão da professora das mais belas e cuidadas mãos que passaram em salas de aula que eu frequentara. De Helena, outra lembrança cravada na memória de um olhar de confiança quando diante da nota que sua assistente conferira ao meu trabalho, interpelou dizendo: "pode subir esta nota; ela está fazendo por merecer". Era uma aposta em atitude, talvez pela assiduidade e atenção que eu prestava da primeira carteira, entre tímida e assustada, correndo atrás do que não sabia, e nem tanto pelo resultado ali expresso na escrita da prova. Lembro-me de agradecer e dizer que não a iria desapontar. Que conforto senti na avaliação seguinte quando recebi nota máxima! Acho, pensando hoje, que se o dez não fosse exatamente a nota correta, não deveria ser menos que nove. Eu mesma sentia que havia crescido naquela corrida pelo cumprimento de uma promessa, e pelo empenho em não desapontar aquela pessoa que havia apostado em mim no escuro. Só pela atitude de interesse. Essas duas professoras mudaram completamente o sentimento que tive na conclusão do Curso Normal a respeito da profissão docente. Acho que ali, mesmo sem eu saber, plantou-se uma semente do gosto pelo magistério que fui conhecendo pouco a pouco.

Mas o curso de Letras não foi concluído. Muitas vezes minha impressão é que corro sempre atrás daqueles dois anos inconclusos. Talvez por isso tenha feito tanto sentido para mim a leitura de um depoimento de Antonio Cândido à Marisa Peirano dizendo que com a mão direita escrevia *Os*

parceiros do Rio Bonito e, com a esquerda Formação da Literatura Brasileira. Antonio Cândido manteve-se entre os dois campos, mobilizado por ambos. Uma espécie de licença para minha própria indecisão. Fui capturada pelas Ciências Sociais em uma conjuntura de mobilização, idos de 1968, e por uma contingência de vida pessoal - influência de uma pessoa muito importante em minha vida. O curso era na Universidade Federal Fluminense (UFF), e minha vida se voltou para Niterói por uns anos, até o ingresso no mestrado do IUPERJ em 1976.

Foi no mestrado que, pela primeira vez entrei em contato com a educação. Um curso com Mario Brockman Machado sobre cultura e socialização política despertou-me definitivamente para questões que envolvem valores, condutas, comportamentos. Vivíamos o clima do final dos anos 70, embora em início do processo de relativização da repressão, ainda era atmosfera de ditadura e cerceamento da liberdade. O que esteve em pauta no curso era a decisão do regime militar de incluir como obrigatoriedade a disciplina Educação Moral e Cívica como prática de socialização e aprendizado das orientações que os indivíduos deveriam internalizar para a vida em sociedade. Educação a serviço da política. Foi nesse ambiente que recebi uma proposta de trabalho de consultoria ao grupo dos professores que produziam o material didático para Estudos Sociais na rede pública do Maranhão. O ensino era por TV. Uma proposta de campanha de Renato Archer ao governo do estado em 1965 que foi implementada pelo vencedor na disputa eleitoral: José Sarney. O contato com aquele grupo, e com o material ali produzido impactou-me profundamente. A dissertação foi defendida em 1980 - "Paraíso Tropical: A ideologia do civismo na TVE do Maranhão", e publicada em 1981 pela editora Achiamé. Aprendi muito com esta primeira pesquisa autoral. Talvez a maior lição tenha sido a de não pensar transmissão de valores ou ideologia como epidemia que afeta aos atingidos sem chance de escape. As assintonias apareceram nas redações daquelas crianças quase adolescentes a me desafiar em análise que correspondesse melhor ao que havia encontrado.

Ainda do IUPERJ, em um curso oferecido por Aspásia Camargo, recebi a proposta de trabalho onde permaneci até o momento. Um curso de teoria política, um seminário sobre Jean Jacques Rousseau, especialmente, sobre o

"Discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens" resultaram no convite para integrar o grupo de pesquisa do recém-criado Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). O CPDOC completava seus três anos, havia sido criado em junho de 1973. Em janeiro de 1976 iniciei minhas atividades de pesquisa em um Centro de História do Brasil, vindo de um curso de Ciências Sociais, e um mestrado em Ciência Política. Aos poucos fui percebendo que aquele Centro se constituía nessa singularidade - mistura disciplinar, e orientação forte para atenção à conjuntura histórica brasileira em suas raízes no passado constituidor. Foi da primeira experiência de pesquisa no CPDOC, em uma equipe coordenada por Ângela de Castro Gomes que produzi um primeiro escrito sobre política mineira. A conjuntura era do pós-1930, e o tema era o da abertura política e a constitucionalização da participação pelos partidos e pela Constituinte de 1934.

SE: *Tempos de Capanema* é obra referência na área da educação. Sociologia e História: em qual das duas áreas assenta-se mais fortemente suas raízes de Cientista Social?

Helena: *Tempos de Capanema* nasceu da experiência de um trabalho em arquivo. Meu ingresso na equipe coordenada por Simon Schwartzman deveu-se ao fato de ter iniciado uma reflexão sobre educação, com a pesquisa no Maranhão, e ter perseguido a trajetória dos políticos mineiros, sendo Gustavo Capanema um dos protagonistas de minha reflexão. O CPDOC acabava de receber o arquivo Capanema, ainda hoje, um dos maiores do acervo. Simon foi convidado para ser o primeiro pesquisador a navegar por aqueles papéis. Ele iria constituir sua equipe. Eu me apresentei com a justificativa de que estava habilitada para integrá-la. Afinal, Minas e educação já habitavam minha ainda pouca experiência de pesquisa. Era uma vantagem sobre outros àquela altura. A equipe foi formada por Simon, coordenador, por mim e por Vanda Maria Ribeiro Costa, os autores do livro que se publicou como resultado do garimpo. Minas Gerais e Educação se cruzaram, e de alguma maneira permaneceram como referências em outros trabalhos que produzi, incluindo a tese de doutorado, também no IUPERJ, publicada sob o título, *Guardiões da Razão: Modernistas Mineiros* - uma

referência clara aos intelectuais que orbitaram em torno do ministro, com os quais convivi nos papéis depositados no arquivo Capanema. Firmou-se ali meu interesse pela relação entre intelectuais e institucionalização de políticas, entre elas, a política educacional.

SE: História e Sociologia, CPDOC e UERJ: fale-nos de seu trabalho nas duas instituições.

Helena: Até 2003 o CPDOC se conservou como um centro de pesquisa. Inserido em uma instituição de muito prestígio, a Fundação Getúlio Vargas, era, digamos, a parte mais frágil de toda aquela estrutura. Economia e Administração foram sempre a vocação mais estruturante da FGV. O CPDOC, por isso mesmo, teve sempre que defender com maior ou menor dificuldade sua permanência. Beneficiado pelo apoio institucional originalmente dado pela Fundação Ford e em seguida pela FINEP ao longo de quase duas décadas, o Centro tinha que conviver permanentemente com a insegurança a respeito da continuidade do projeto institucional como tal. Muitos dos pesquisadores combinavam sua permanência no CPDOC com uma matrícula em alguma faculdade ou universidade como professores. Mantínhamos os dois vínculos e a própria instituição admitia pela impossibilidade de garantir certa tranquilidade na manutenção de seus quadros. Durante 13 anos permaneci no CPDOC e no magistério superior na Faculdade Cândido Mendes/Ipanema. Ocupei o lugar indicado por Olavo Brasil de Lima Jr., meu orientador de mestrado no IUPERJ. Mas minha ida a Stanford, Califórnia, para o programa sanduíche no período de setembro de 1987 e setembro de 1988 marcou também meu desligamento da faculdade. No retorno, em final de 1988, tomei contato com o edital público para concurso a professor assistente de sociologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Havia uma atmosfera de renovação da universidade, fortalecida pelo empenho em transformar a UERJ em uma instituição acadêmica apta a integrar os centros acadêmicos de prestígio no Rio de Janeiro. Em abril de 1989 fui admitida, tendo sido classificada em primeiro lugar no concurso em uma universidade desconhecida para mim, e examinada por uma banca também desconhecida. Foi uma alteração importante de vida. Eu encontraria o magistério em um ambiente muito diferente da experiência

do ensino privado. Devo à UERJ o encontro decisivo com a vocação para magistério. É uma lembrança surpreendente: sempre que fechava a aula na faculdade Cândido Mendes, dizia aos alunos que se quisessem conversar, se quisessem alguma indicação eu estaria disponível ao final da aula. Não me lembro de alguém ter me procurado nos treze anos em que lá estive. Na primeira semana de UERJ, cumprindo a mesma rotina, fui surpreendida ao final da aula com uma fila de uns cinco estudantes à espera para conversa. Acho que nunca saí de sala sem uma conversa com algum estudante... Se pudesse resumir o que foi para mim a universidade pública diria que esta resposta talvez seja o traço que mais distinguiu a diferença.

A combinação de pesquisa em um Centro e magistério em outra se prolongou por uns quinze anos. Em 2005, o CPDOC abre a Escola Superior de Ciências Sociais, um projeto de equipe coordenado por mim. Estive à frente do projeto e coordenei a escola até a formatura da primeira turma, quatro anos. A ampliação das atividades e a dinâmica da Escola alteraram bastante a rotina do CPDOC, e fez mais desafiadora a combinação até então mais coordenada de participar de duas instituições, sobretudo com o volume de aulas em atendimento às exigências de ambas as instituições. Como saldo eu diria que o cruzamento de história e sociologia nunca se distanciou completamente. Ao contrário, acho mesmo que se transformou em um constrangimento de ofício, e uma convicção.

SE: Qual o seu clássico?

Helena: Difícil eleger um. Clássicos são clássicos pela permanência imaginativa, e pela atualidade na forma como nos provocam. O encontro com Max Weber, desde minha graduação, em um período onde a resistência à sua contribuição era bastante grande, continua sendo fonte de estímulo e interesse intelectual.

SE: Questões mais desafiadoras da pesquisa em Ciências Sociais.

Helena: Acho que as postas por Alexis de Tocqueville: como combinar ideais de igualdade com liberdade. Como lidar com diferenças em ambiente de

aceitação e valorização da igualdade e de recomendação à legitimação das diferenças. Como manter a vida em razoáveis padrões de convivência em todos os campos da interação social.

SE: E a Sociologia da Educação? A tese de Luiz Pereira, sobre os dois estilos de pensamento pedagógico erudito, ainda é válida?

Helena: Não saberia precisar. A Sociologia da Educação tem um imenso desafio que é enfrentar as questões postas à experiência contemporânea de universalização do direito à educação. De novo com Tocqueville. Os desafios de contornar os dilemas com a ampliação da democracia, do bem estar, do atendimento aos direitos fundamentais. A sensibilidade para as questões contemporâneas na linguagem, na forma de ensinar, no ambiente escolar, na própria relação da escola com a sociedade, tudo isso está em pauta como estão em pauta os dilemas de nossa vida cotidiana permeada pela violência, mudança de hábitos, quebra de rotinas e de referências de autoridade. Sociologia da Educação não pode ser sacralizada. Ela demanda flexibilidade e mudança permanentes. E somos conservadores quando o que está em questão é a mudança de atitude teórica ou profissional e a alteração de práticas que nos tiram de nossas zonas de conforto...

SE: Qual o seu recorte de pesquisa atualmente?

Helena: Há três anos integro uma equipe de pesquisa coordenada por Celso Castro sobre Cientistas Sociais em Países de Língua Portuguesa, trajetórias de vida. Tem sido um reencontro com trajetórias aos que eu própria assisti em muitos momentos. Tal recuperação tem alimentado o interesse em perceber alterações geracionais com relação à expectativa que se pode ter com relação às Ciências Sociais. A própria escrita de um livro didático de Sociologia para o segundo grau com Bianca Freire-Medeiros, Raquel Emerique e Julia O' Donnell - *Tempos Modernos, Tempos de Sociologia* - me pôs em contato com o desafio de pensar as Ciências Sociais, a Sociologia em particular, na sua interação com o tempo presente, e com gerações novas. Talvez esta experiência tenha fortalecido uma vez mais minha convicção

sobre a flexibilidade para a qual temos que estar atentos quando estamos no campo da reflexão/transmissão de um conjunto de saberes provenientes de nossa área de atuação.

E também, como pesquisa, uma incursão em um tema sociológico contemporâneo que associa fortemente à questão da educação. O que vem a ser essa “nova classe média brasileira” e o que a pode distinguir da tradicional, tão magistralmente descrita por Wright Mills nos anos 1950? Tivemos aprovado um projeto na FAPERJ e a formação de uma equipe com pesquisadores do CPDOC, da UERJ e da UFF traz novo alento, e estimula nova aventura. A pesquisa conta comigo, Letícia Veloso (UFF) e Clarice Peixoto (UERJ) e nosso universo se concentrará em Copacabana, verdadeiro laboratório do que há de mais vivo e intenso na vida social do Rio de Janeiro pelas distinções, variações e mesclas de todo tipo. A conferir.

SE: Quais os principais desafios dos sociólogos que investigam a educação no Brasil hoje?

Helena: Educação é transmissão de valores. É convivência interativa. É transmissão não só de conhecimentos, mas de exemplos, práticas, habilidades. Ao se aproximarem do campo educacional, os sociólogos se aproximam do que Emile Durkheim elegeu como coração da disciplina. Pulsa no ambiente educacional, principalmente, no ambiente escolar, toda a rede de possibilidades e interdições presentes em nossa vida ordinária. Universo inesgotável, e de amplitude nem sempre controlável. A sociologia tem muito que oferecer como estoque já acumulado há pelo menos uma centena de anos em sua incursão no mundo das interações. Mas teria muito que aprender sobre a forma como cada uma dessas comunidades lida com a rotina de ensinar e as chances de aprender. Não acredito em receita. Aposto em uma atitude diante do que, parecendo ser sempre o mesmo, nos surpreende quando, no contato, exercitamos a escuta e a compreensão do sentido da experiência para aquele grupo. Nada há de trivial nisso. E sequer, de simplicidade. Por isso o desafio.